

A literatura científica sobre o latente está latente? ¹

Is the scientific literature about the latent latent?

Vanessa Beckenkamp Lopez²

Resumo: O presente estudo objetiva apresentar parte dos resultados obtidos a partir da dissertação de mestrado intitulada “A técnica psicoterapêutica psicanalítica com latentes – implicações ao terapeuta³”. Foram realizadas entrevistas semidirigidas e individuais, com terapeutas de orientação psicanalítica cujo material foi trabalhado a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977). Na busca em identificar se terapeutas de orientação psicanalítica percebem particularidades ao trabalho terapêutico com latentes, uma vez que estes apresentam especificidades em sua estruturação psíquica diferenciando-se da criança pequena e do adolescente, reincidiu significativamente o tema da literatura acerca do latente. Vislumbra-se uma análise que engloba todo um movimento literário de época, repercutindo também na formação terapêutica e na construção da identidade das entrevistadas. A literatura evolui de forma gradual, passando a ser explorada por um número maior de pesquisadores e, com mais profundidade, em períodos recentes na história da psicanálise, concomitante ao desvelo da operacionalização do trabalho de latência.

Abstract: The current study has focus on show some of the results of a mastering dissertation called “The psychoanalytic psychotherapeutic technique for latents” – implications to the therapist¹”. It was applied semi directed individual interviews with psychoanalytic oriented therapists, which results were worked according to Bardin’s content analysis (1977). Looking for perceptions of the psychoanalytic orientation’s therapists about peculiarities in the latents’ therapeutic work – once this group shows specific points in his psychic structure, differentiating himself from the small child and the teenager - reoccurred significantly the theme of the literature about the latent. We can glimpse a analysis that includes a whole literary movement in a specific period of time, reverberating in the therapeutic formation and in the identity construction of the interviewed therapists. The scientific literature evolves gradually; this one has been explored in deep for a growing number of researchers just in a recent period of the psychoanalysis, concomitant with a growing care with operation of the latency work.

Palavras-chave: Latência; literatura científica; psicoterapia psicanalítica.

Keywords: Latency, scientific literature, psychoanalytic psychotherapy.

¹ Dissertação defendida pela autora tendo como orientadora a Profa. Doutora Maria Lúcia Tiellet Nunes, pela PUC-RS.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, Psicanalista em formação, Professora de Psicologia do Desenvolvimento, Coordenadora da Clínica do Gaepsi. Endereço para correspondência: lopezvb@bol.com.br

Este trabalho é parte de resultados obtidos da dissertação de mestrado intitulada “A técnica psicoterapêutica psicanalítica com latentes – implicações ao terapeuta”. Foram realizadas entrevistas semidirigidas para análise de conteúdo e esse material, analisado qualitativamente a partir da pergunta estímulo “Como é o trabalho com latentes?”, entre outras.

A literatura científica acerca do latente está entre os temas que reincidiram significativamente. Se deslumbra esta estar ampliando seu rol de estudos específico ao latente apenas recentemente na história da psicanálise: de uma aparente inatividade psíquica vivida por meio da repressão dos impulsos sexuais e agressivos, hoje se identifica no latente um momento de reestruturação interna das defesas e de amadurecimento psíquico, cognitivo e emocional que o prepara para a adultez.

Apresento, então, os momentos em que as entrevistadas, nomeadas como Rosa, Beatriz, Ângela, Lia, Júlia e Clara, referiram-se à literatura psicanalítica acerca do latente. Vale salientar que as respostas para tais questões partem de constructos pessoais, aliados a um referencial teórico, mas, principalmente, embasados na prática clínica das entrevistadas. Da mesma forma, a análise para tais verbalizações conta, em parte, com aspectos de um mundo que se situa ainda no plano do vivido, do percebido por meio da prática de trabalho e pelas relações então estabelecidas. Ou seja, discute-se o ainda “não teorizado”, que surge na prática clínica, mas que já é discutido no meio terapêutico⁴.

A busca por um aprimoramento profissional levou as entrevistadas a revisitarem diferentes autores psicanalíticos, delineando-se a busca de uma adequação teórica à realidade encontrada por elas nos consultórios. Neste sentido, as experiências de trabalho contaram não só para a experimentação, mas também para a exploração e para a identificação de um estilo pessoal de trabalho na linha psicanalítica.

No que se refere à latência, as entrevistadas percebem hoje um desenvolvimento teórico, no qual autores contemporâneos aprofundam o pensamento inicial de Freud referente ao latente, o que provoca uma diferenciação na forma das entrevistadas olharem para o período, percebendo-o com maior profundidade:

⁴ Santa Catarina (1998) sustenta o quanto o lugar do vivido, e ainda não no mundo das idéias, delinea a relação terapêutica na clínica com crianças. Jover (2003) se deparou com o mesmo aspecto ao explorar a clínica com o adolescente: esta sofre um movimento recente, embora já consistente, de profissionais preocupados em abrigar teoricamente a demanda crescente de atendimento psicanalítico específico aos adolescentes.

Ângela coloca: *“Os autores que me sustentam, em termos de técnica, eu me sinto bem acompanhada por eles (...). Como Klein, Bion, Winnicott, eu consigo podendo aproveitar, sigo podendo aplicar”*.

Júlia diz: *“Eu acho que a teoria (clássica) ainda é muito útil. Eu ainda encontro respostas nesta. Não que não possa se estender, acho que deve, vai se contribuir bastante”*.

As entrevistadas demonstram em suas falas uma estreita relação com a teoria clássica, uma vez que esta, mesmo sendo revista e ampliada, mantém-se ainda útil e de referência às conflitivas dos tempos atuais. Caracteriza-se, desta forma, a força teórica dos constructos clássicos⁵, mesmo havendo a atualização das entrevistadas por meio de de novos materiais bibliográficos.

Beatriz apresenta o que percebeu de evolução no trabalho clínico, a partir de um contexto dinâmico às teorizações clássicas e contemporâneas:

“Eu diria assim, que começamos com a técnica Kleiniana clássica, rígida, para uma técnica muito mais flexível, muito mais dinâmica aonde a gente entrava no campo, trabalhando junto, vendo muito mais o fenomenológico, observando o que que estava acontecendo ao invés de trazer aquelas interpretações prontas”.

E Rosa destaca: *“Eu acho que hoje realmente há um incremento de teorias, e não são teorias novas, não é isso que eu quero dizer, inventou-se uma técnica, não. Eu acho que a gente entendeu coisas que antes não entendia, adaptou-se técnicas a coisas, por exemplo, se a gente for falar do latente”*.

Ferro (1995), ao discutir as teorias psicanalíticas, observa a tendência destas de se embasarem primeiramente nos trabalhos de Freud, para depois então divergirem e assumirem tendências próprias ao trabalho analítico. Para tanto, Ferro (1995) destaca o termo criado por Green - arqueologia viva – referindo-se ao trabalho incessante do analista em reconstruir fatos sob repressão, em oferecer ferramentas então adequadas para a reconstrução do psíquico em sofrimento do analisando.

Vale lembrar que, até mesmo Freud, reviu os constructos de seu trabalho teórico ao longo de sua obra. Bergmann (2003) destaca quando a última contribuição à técnica analítica de Freud (“Análise terminável e interminável”, 1937) foi vista como desmesuradamente permissiva aos olhos de jovens analistas, por refletir-lhes um

⁵ Considera-se como pertencentes à teoria “clássica” autores como Freud e Klein ou contemporâneos a estes.

desinteresse inicial de Freud pela psicanálise, como método terapêutico, ao voltar-se predominantemente a questões amplas e culturais, pertinentes à formação do indivíduo.

Rodolfo (1997/2003) constata que muitos colegas psicanalíticos podem considerar parte das proposições de Freud como já superadas, mas mesmo assim seguem utilizando-a sem troca alguma. O autor defende que as concepções psicanalíticas parecem evoluir, embora o postulado básico prossiga - ou seja - as considerações clássicas a respeito da latência não estão sendo ignoradas, mas ampliadas e mais profundamente trabalhadas.

Zimmermann (2003), ao diferenciar a análise da atualidade, coloca que agora, (a análise) comporta-se em espiral e não mais em círculos fechados, de forma a admitir o caráter humano do terapeuta, em que limitações devem ser reconhecidas, mas constantemente exploradas; mesmo que para isso se avance no desconhecido ou ainda não teorizado, mas que é vivido e sentido intensamente na prática de trabalho terapêutico.

Bernardi, R. (2003), por sua vez, defende a cultura do debate em prol de um exame crítico e livre de diferentes hipóteses alternativas que se propõem na clínica. O autor afirma se tratar de um fator de proteção pessoal e institucional. O que reforça a idéia de Bergmann (2003), de que o meio psicanalítico deve ultrapassar as próprias ortodoxias a fim de visualizar mais realisticamente a história da psicanálise – e que tem por fim a repercussão de um certo encorajamento ao desenvolvimento, pelos seguidores dos constructos de Freud, do que seria essencial na herança freudiana aliado a outros aspectos como os limites e as condições históricas em que ele trabalhava.

Neste sentido, mais ainda a latência se parecia “perdida” no universo da literatura científica, como demonstra a fala de Lia:

“...é como se esse período tivesse na latência, também, do ponto de vista técnico”.

De fato, Sandler e colegas (2000), por exemplo, percebem haver pouca literatura dirigida ao campo geral da psicoterapia psicanalítica de crianças. Referindo-se especificamente ao latente, este quadro se reduziria ainda mais.

Urribarri (1999a; 1999b) refere-se ao período da latência como, sem dúvida, o menos estudado psicanaliticamente; logo, pouco compreendido. Refere-se a um período que, diferente das fases libidinais, tem sido também definido mais por aspectos negativos – como o que deixa de ocorrer neste tempo de “espera” pela adolescência –

do que por aspectos positivos – como a complexização do aparelho psíquico e a formação do pré-consciente.

Sarnoff (1995, p. 24), por sua vez, lembra quando a latência era comparada a apenas um deserto, “um padrão de sombras, projetadas de outras zonas de desenvolvimento”; enquanto atualmente o trabalho de observação direta pode mostrar um caldeirão fervente de ocorrências em se tratando do desenvolvimento desta.

Também as entrevistadas buscam atribuir razões para a baixa produtividade literária específica sobre o latente, relacionado-a com a incompreensão ao período – interligando os fatos de que, ao não se dominar o assunto, não se escreve sobre o assunto:

“Até pouco tempo atrás não tinha muito material, até porque a latência não era considerada um período importante (...). Um que outro livro, livros específicos são pouquíssimos, e eu acho que é bem o reflexo de que a latência não é muito bem entendida” (Clara).

“Teoricamente, dentro do desenvolvimento todo da psicanálise, poucas pessoas param para prestar atenção nisso. Talvez porque fosse difícil prestar atenção neste período” (Lia).

De fato, a incompreensão de um determinado tema afasta e intimida a escrita acerca deste, distanciando-se o escritor do que não se sentiria seguro o suficiente para postular, conforme Meira (2003) identificou nos resultados da análise de sua pesquisa acerca da escrita psicanalítica. A escrita, como um processo criativo, caracteriza-se como um exercício de desconstrução do autor. Em analogia ao tratamento analítico, Meira (2003, p. 21) contribui:

“... talvez devamos nos colocar uns minutos na posição do paciente, que vivencia, escuta, pensa, revisa, muda; tolerarmos como ele termos desconstruídos nossos antigos padrões de escrita, sermos desconstruídos por um texto que ainda não existe em sua forma final... e, assim, poder aguardar que, página por página - entre o labor da escrita e a tolerância à não escrita – o trabalho se crie e seja criado, entre um estado de atenção livre e flutuante, e de construção ou reconstrução. Este é o processo psicanalítico de tratar. E o processo psicanalítico de escrever”.

Desta forma, a autora não descarta a feitura da produção literária científica pela falta de domínio do tema; a escrita, neste caso, viria como recurso de compreensão

ao fenômeno em questão. Assegura, portanto, que se pode escrever sobre o que justamente não se domina, sobre o que resiste ao saber, o que coloca o escritor “em cheque.”

A autora ainda complementa seu pensamento ao apontar como fonte de gratificação narcísica, ao escritor, a aquisição do domínio sobre a teoria então escolhida. Pois, para se escrever, é preciso estudo e reflexão, o que conseqüentemente aprofunda o conhecimento do autor sobre o assunto em pauta. “É poder transitar com os conceitos, com a liberdade de quem desenvolve e não simplesmente repete aportes de autores consagrados” (Meira, 2003, p. 40).

As entrevistadas citaram perceber, ao longo dos anos, alterações no quadro de produções literárias sobre o latente, associando-se à visão de maior importância ao período:

“...ultimamente que se tem dado uma atenção e uma valorização (...). Eu acho que tem vários autores que estão abordando e apontando para isso: uma visão mais atual, não é, em perceber a latência” (Ângela).

“Eu acho que de uns tempos pra cá é que a gente tem mais acesso e pode entender melhor a latência e a técnica específica” (Clara).

Cabe aqui a reflexão apresentada por 50% das entrevistadas quanto ao que de fato mudou através dos tempos: o ser humano, as teorias, a cultura? São questionamentos sempre presentes no trabalho de Rosa:

“Isso é uma coisa que eu penso muito, comigo: o que que mudou? Eu acho que na verdade a criança não mudou, o ser humano não mudou. O que mudaram foram as teorias, a capacidade de compreensão. Acho que o que mudou foi a sociedade, estimulando uma precocidade maior da sexualidade, um aflorar maior. Agora, acho que as fantasias sexuais infantis continuam funcionando mais ou menos do mesmo jeito”.

Ângela exemplifica a percepção de um movimento social evolutivo e significativo ao desenvolvimento da criança:

“As crianças agora são mais participativas. Bom, o sujeito não mudou, a criança é a mesma, o que acontece é a forma da gente olhar: antigamente as crianças ficavam fechadas em quartos escuros quando nasciam. Com todo e qualquer estímulo elas eram privadas. Hoje em dia a mãe grávida já fala com seu bebê, já o pai vem e fala, então já se sabe que a criança reconhece a voz, ao nascer, já sabe quem é um,

quem é outro pela voz”.

Dolto (1988, p. 358) apresenta o posicionamento da psicanálise ao pensar sobre possíveis movimentos de evolução:

“O que a psicanálise descobriu, enquanto ciência do desenvolvimento do inconsciente do ser humano, é universal: todos os seres humanos se constroem da mesma maneira, pelo fato de terem o mesmo corpo, mas são diferentes conforme os encontros que façam. O que Freud descreveu, a saber, o desenvolvimento das pulsões, as potencialidades de desenvolvimento do recalque, do deslocamento sobre outros objetos que não os da satisfação direta, tudo isto sempre existiu.”

Logo, a evolução nos constructos teóricos acompanham a evolução do desenvolver terapêutico:

Beatriz pontua: *“Hoje a gente tem diagnóstico de hiperatividade com déficit de atenção, ou déficit de atenção com depressão, há comorbidade. Hoje a gente evoluiu muito pro diagnóstico. Hoje se faz diagnóstico muito melhor do que já se fez, então o latente caía nesse bolo, aí”.*

Beatriz aponta quando se iniciou, na região de Porto Alegre, em uma das instituições mais tradicionais de formação de terapeutas, uma cadeira optativa introdutória à psicanálise da criança e do adolescente, na década de 80, já demonstrando o reflexo para a comunidade terapêutica ao se explorar e popularizar técnicas e etapas do desenvolvimento, a priori, não dominados ou nem ao menos aplicados analiticamente:

“Naquele ano que se criou a cadeira optativa foi um número enorme de interessados em saber como é que é isso de crianças, adolescentes, a técnica como é que se fazia, com é que não se fazia (...). Então foi uma grande novidade (...) e então começaram a encaminhar pacientes porque já sabiam como é que era”.

É curioso constatar que, em publicação de Abreu e colaboradores (1996), há o indicativo do ingresso da psicoterapia no Brasil na década de 40, mas é na de 50 que psicanalistas argentinos trouxeram a psicanálise ao Brasil, sendo difundida, então, por analistas brasileiros que eram professores universitários com especialização na Argentina. Até o final da década de 70, Porto Alegre tornou-se centro de referência para a formação em psicoterapia e psiquiatria dinâmica.

Beatriz trouxe um pouco sobre os inícios dos estudos formais centrados na

infância e adolescência, no âmbito analítico, salientando sua expectativa e espera por tais estudos. Da mesma forma, ocorreu com Rosa e Ângela: sentiam a necessidade de aprimoramento enquanto ainda não havia sido estruturada nenhuma especialização na cidade ou arredores.

Em unanimidade, as entrevistadas referiram-se ao fato de não ter sido fácil encontrar recursos que implementassem a formação dentro da área da infância e da adolescência, ainda há bem pouco tempo atrás. Também não deixam de referir quando ainda hoje elas mesmas buscam formar ou manter grupos de estudos e contatos com colegas a fim de discutir e atualizar dados no âmbito da prática terapêutica.

Da mesma forma, as entrevistadas buscaram demonstrar o quanto precisam manter-se atualizadas, estudando, trocando idéias, refletindo sobre suas intervenções, integrando convenientemente aspectos de diferentes autores ou da própria experiência, ao processo terapêutico.

Clara demonstra que as constantes atualizações buscadas pelos terapeutas justificam um amadurecer dos mesmos, alcançado progressivamente no transcorrer de sua experiência profissional. Também Beatriz e Rosa sustentam a idéia de que é preciso se desenvolver constantemente, principalmente no tocante ao trabalho de latência, quando este ainda necessita ser mais desenvolvido teórica e tecnicamente:

“Só tem uma forma da gente trabalhar melhor, que é estudar, estudar e escrever. Não tem outra forma. Trocar idéias, conversar e tal” (Beatriz).

Se, no que se refere ao desenvolvimento infantil, havia uma precariedade de acesso às informações ou até mesmo ao entendimento pleno da fase, ao particularizar a latência via-se que esta era relegada a um plano ainda posterior. De acordo com as entrevistadas, além de não haver dados teórico-técnicos suficientes, o período era também pouco explorado.

É interessante observar que as entrevistadas explanam com convicção a percepção de uma diferenciação na resposta dos latentes no transcorrer do tratamento, quando estes seriam, finalmente, mais bem entendidos pelo terapeuta. Gratificação para o entrevistado, ao perceber o maior entendimento da situação e da evolução do trabalho terapêutico, e alívio para o latente, quando assimila não precisar se defender tão ferozmente daquela pessoa que mobilizaria suas defesas ainda em estruturação.

Neste momento de análise da pesquisa, abre-se espaço à discussão do reflexo da elaboração mais profunda nos aspectos teóricos e práticos acerca da latência, quando os

resultados do trabalho com o latente se fazem mais claros ao terapeuta, conforme verificado no diálogo abaixo com Rosa e, posteriormente, na fala de Beatriz:

“Acho que hoje em dia, a resposta que eu tenho tido dos latentes é diferenciada. Eu estava com duas crianças latente, não, púberes, mas que funcionavam como latentes, um menino e uma menina, de 10 e 13 anos, e é interessante a evolução dos dois” (Rosa).

Enquanto Beatriz dá um exemplo vivo de tal consideração: *“Então um guri metido que chegou dizendo desaforo e tal, sai como uma criança, divertida, que exprimiu todas as suas fantasias, se sentiu compreendido, se sentiu adequado dentro daquele todo”.*

Fazer com que o latente sinta-se entendido, além de não ameaçado, advém como uma tarefa básica, mas de difícil equação ao terapeuta, em se tratando de um paciente tipicamente mais reservado e resistente, engajado intensamente em toda a complexização de seu aparato psíquico.

Levy (1989) pondera que a criança precisa sentir-se respeitada em sua forma comunicativa e em suas defesas, sendo conduzida a descobertas suportáveis e aliviadoras. Como reflexo, o latente passa a trabalhar mais continuamente, fazendo parte de um terreno em que não é então perseguido.

As entrevistadas passam a apresentar, então, autores contemporâneos os quais destacam para suas recorridas em busca de bibliografia pertinente ao trabalho com o latente. Percebem haver uma discreta evolução na diversidade de autores e de materiais acerca da latência. Todavia, demonstram quando a diversidade de autores advém para aprimorar e ampliar a visão que se tem do paciente em processo terapêutico. Vou citá-los rapidamente:

Antonino Ferro⁶ é referido por Beatriz como um autor que pôde ampliar a forma de trabalhar-se terapeuticamente: *“Eu acho que a gente tem o Antonino Ferro que trouxe uma outra forma de trabalhar. Então eu acho que tecnicamente a gente melhorou muito, melhorou muito”.*

Antonino Ferro, analista italiano, é apresentado como um autor capaz de demonstrar o que quer dizer praticar psicanálise após seis, oito gerações de analistas e de seus trabalhos realizados. É um autor que revê aspectos para a rigidez reificante da

⁶ Saliento que os autores aqui trabalhados não serão discorridos largamente por não serem o foco da pesquisa, mas sem desconsiderar a grande importância de suas obras. 162

interpretação direta da fantasia do inconsciente, a partir da leitura freudiana (Ferro, 1995).

Ferro (1995) integra diferentes contribuições psicanalíticas, desenvolvendo e cultivando uma investigação clínica e teórica própria – aliando a riqueza da experiência clínica à capacidade de transmiti-la ao público de interesse (Di Chiara no prólogo de Ferro, 1995). Na obra de 1995, Ferro discute modelos teóricos como Klein, Bion e Freud, enfatizando o par analítico como um dos meios possíveis para se compartilhar, narrar e transformar os estados primitivos da mente.

Já, Lia refere-se especialmente a Ricardo Rodulfo:

“O Ricardo Rodulfo, é uma pessoa mais contemporânea, mas que trabalha fundamentalmente dentro de pilares, Winnicott, Lacan, ele faz toda uma costura (...). É uma das únicas pessoas que eu vi diretamente chamando atenção para isso: o cuidado em relação a esse tipo de paciente”.

Ricardo Rodulfo é destacado por ampliar campos não antes explorados na clínica, partindo principalmente das idéias de Winnicott, trabalhando aspectos da psicanálise que aprofundam entendimentos da estruturação psíquica (Pelento, 1990, ao escrever o Prólogo para “O brincar e o Significante”, autoria de Ricardo Rodulfo).

O autor detém-se ao fato de que conceitos científicos são ferramentas para se pensar e não mandatos a se seguir, criticando a leitura dirigida ao sujeito como um ser passivo em sua formação inicial – para um ser ativo frente ao material significativo.

Sarnoff é citado pela grande maioria dos entrevistados, especialmente ao se referir a uma técnica específica ao latente. Seu livro “Estratégias Psicoterapêuticas nos Anos de Latência”, é apresentado⁷ como um clássico na literatura psicanalítica e consagrado mundialmente, por ater-se especificamente a uma fase importante, mas ao mesmo tempo tão pouco entendida. Nele, Sarnoff apresenta vicissitudes e patologias específicas ao período, além de destacar possibilidade de obter-se um retrato prévio da evolução do sujeito e de suas capacidades psíquicas futuras pelo ensejo da latência (Sarnoff, 1995).

Finalmente, os entrevistados discorrem sobre Rodolfo Urribarri, quando este amplia, na contemporaneidade, diferentes aspectos referentes à latência:

“O Urribarri segue mais a linha freudiana (...). Então ele tem todo esse padrão que eu acho que é a base dele, mas que ele abre estudando essa faixa etária (...). Então

⁷ Fonte: comentários anexados à contracapa deste.

eu tenho lido muito e buscado conhecer melhor, porque eu acho que ele instrumenta bem”. (Rosa)

Urribarri, psicólogo, psicanalista, professor e pesquisador, aprofundou seus estudos a partir das obras de Freud. Como as entrevistadas também apontaram, Urribarri buscou ampliar o entendimento à latência, destacando este período para a reestruturação psíquica e fortalecimento egóico, em uma rede complexa e voltada à capacitação, à simbolização e ao desenvolvimento do pré-consciente. Tudo em uma atividade silenciosa, mas intensa. (1999a; 1999b; 2003a; 2003b).

Considerações

Sem a pretensão de concluir ou fechar o tema aqui apresentado, saliento a postura de Urribarri (2003b) quando este se viu “latente” ou “adormecido” frente ao trabalho com latentes: intensificou sua escrita, sua produção literária. Procurou desvendar este universo misterioso e defensivo, diferenciado da demais idades por especificidades à sua franca estruturação psíquica.

A literatura acerca da latência cresce de forma tímida, embora repercuta na formação e na identidade dos terapeutas. O estudo em conceitos psicanalíticos clássicos aliado à prática clínica contemporânea possibilita que conhecimentos sejam ampliados e aprofundados gradualmente; logo, busca-se autores contemporâneos, mas seguidores de Freud, Klein ou Winnicott, por exemplo.

Assim o terapeuta busca se instrumentalizar para aspectos antes não suficientemente explorados pela literatura, como o intenso trabalho psíquico vivido na latência ou poder acompanhar momentos mais adequados às intervenções terapêuticas com este a fim de evitar intervenções intrusivas.

Compreender a latência para escrever ou escrever para compreender, são meios que, de qualquer forma, nos incitam ao estudo e à ação frente ao (des)conhecido. Afinal, a própria formação do terapeuta, arrisco complementar, é dinâmica, sistemática e requer um constante contato com as teorias.

Finalizo este artigo com a provocação aos leitores de que também possam, como cuidadosos autores, dividir suas reflexões, estudos e constatações. Qual nosso papel, afinal, enquanto agentes ativos de nossa cultura e escrita? Bergmann (2003) arrisca:

“A psicanálise é uma empreitada que se mostrou muito mais complexa do que pensavam seus pioneiros,

*e, um século após seu nascimento, o que desconhecemos
é bem maior do que o que é conhecido.”*

Referência bibliográfica:

- Abreu, J. R. P.; Milagre, C. F., Cacilhas, A. A., Oliveira, J. F. P. (1996). Los psicoterapeutas em Brasil: formación y actividades terapêuticas. Revista Argentina da Clínica Psicológica, 5 (3), 239 – 252.
- Bergmann, M. A psicanálise: história e crise atual. (2003). In Green, A. (org) Psicanálise Contemporânea (pp. 145-155). Rio de Janeiro: Imago.
- Bernardi, R.; Bernardi, B. L. (2003, setembro). Entrevista Dr. Ricardo Bernardi e Dra. Beatriz de Leon de Bernardi. Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica - Boletim Informativo – 1, 3-5.
- Dolto, F. (1988). Dificuldade de viver. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferro, A. (1995). A técnica na psicanálise infantil. Rio de Janeiro: Imago.
- Jover, E. R. (2003). Paciente descolado, clínica deslocada – mudanças que os adolescentes provocam no atendimento psicanalítico. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Levy, R. (1989). Comentários a Propósito da Técnica da Psicoterapia da Latência. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 11 (2), 153 - 158.
- Meira, A. C. (2003). Entre os amores e os desamores pela escrita psicanalítica. Projeto de Tese não publicado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rodulfo, R. (1997). Psicoanálisis de niños: un regreso al futuro. Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires [On line] Capturado em agosto de 2003. Disponível: <http://www.apdeba.org>..
- Rodulfo, R. (1995). O brincar e o significante. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sandler, E. H.; Mattos, L. T. L.; Sandler, P. C. (2000). Latência? Psychê, 6, 53 – 73.
- Santa Catarina, C. (1998). O lugar da psicoterapia na vida de crianças. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Sarnoff, C. A. (1995). Estratégias psicoterapêuticas nos anos de latência. Porto Alegre: Artes Médicas.

Urribarri, R. (1999a). Descorriendo el velo – sobre el Trabajo de la Latencia. Revista de Psicoanálisis, 1, 133 – 170.

Urribarri, R. (1999b). Descorriendo el Velo – sobre el Trabajo de la Latencia. Folha Informativa [On line]. Capturado em abril de 2003. Disponível: <http://www.psi.uba.ar/publicaciones/hojas/anteriores/1999/marzo/debate2.htm>

Urribarri, R. (2003a). Entrevista com Rodolfo Urribarri. Revista de Psicanálise, 10 (1), 168-185.

Urribarri, R. (2003b, maio). A importância da latência e da adolescência na estruturação do psiquismo adulto. V Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. (registrado em fita de vídeo pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)

Zimmermann, D. (2003, setembro). A pessoa real do terapeuta. Conferência Pré-jornada “Vulnerabilidade do Terapeuta e Função Analítica”, conduzido pelo ESIPP (Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica), não publicado, Porto Alegre.